

GT09: Antropologia das Emoções

Maria Claudia Coelho, Raphael Bispo

O objetivo deste grupo de trabalho é reunir pesquisas que tenham como foco analítico a compreensão da maneira como as dimensões emocionais integram a vida social e dão sentido às experiências dos sujeitos. As pesquisas em Antropologia das Emoções se consolidaram no Brasil nas últimas duas décadas - a partir de perspectivas de campo variadas e com linhas teóricas específicas -, problematizando oposições centrais no pensamento antropológico, tais como indivíduo versus sociedade, natureza versus cultura, micro versus macro, mente versus corpo, privado versus público, interno versus interno, entre outras. Esse grupo de trabalho elege três focos principais do debate sobre emoções: a) sua capacidade micropolítica; b) a dimensão moral da vida emocional; e c) a relação entre emoções e temporalidades. As principais temáticas a serem contempladas são: a) emoções, gênero e sexualidade; b) emoções e religiosidades; c) emoções, geração e curso da vida; d) emoções e política; e) emoções e movimentos sociais; f) emoções e discursos/práticas profissionais; g) emoções, consumo e lazer; h) emoções, sofrimentos e adoecimentos;

"Desaprendendo emoções indesejáveis": O ciúme nas relações não-monogâmicas

Autoria: Rhuann Lima Fernandes Porto

Neste trabalho, reflito como o ciúme é pensado e articulado no universo de não-monogâmicos negros em suas relações afetivo-sexuais monorraciais. Para tal, foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo no interior do grupo de Facebook Afrodengo - Amores Livres, o maior grupo de não-monogâmicos negros do Brasil. Foram utilizadas como técnicas a observação participante no grupo citado e entrevistas semiestruturadas com seus fundadores. Percebi que o arranjo não-monogâmico é valorizado por duas características gerais: a) por ser um modelo crítico à monogamia e de seus "valores convencionais", como a ideia de "amar apenas uma pessoa de cada vez"; b) por se tratar de uma orientação relacional aberta à possibilidade de estabelecer e manter vínculos amorosos e de intimidade com mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Tal arranjo é entendido como proveitoso e benéfico, contanto que haja consentimento informado entre as partes, isto é, as pessoas envolvidas na relação, partindo dos pressupostos de "honestidade" e "sinceridade", devem saber que estão engajando-se nesse tipo de relacionamento não exclusivo do ponto de vista afetivo e sexual. Ao investigar as tensões e estratégias mobilizadas pelos meus interlocutores para desenvolverem uma ética amorosa não-monogâmica, testemunhei que eles classificam o ciúme como um dos maiores malefícios da "herança monogâmica", que traz consigo a ideia de posse sobre o outro. Assim sendo, partem do princípio de que o ciúme é construído, ou, mais precisamente, "inventado". Muitos comentam sobre a importância de "desaprender" esse sentimento para afastarem-se dos "fantasmas da monogamia", sendo tal atitude interpretada como o principal desafio na prática não-monogâmica, revelando também o quanto os sujeitos estão preparados para assumirem esse modelo de relação. Então, o diferencial da não-monogamia em relação à monogamia seria a sua disposição em rever criticamente tal sentimento e repensá-lo, na tentativa de "desfazê-lo". Nessa direção, artifícios para o controle de ciúme são desenvolvidos. Um exemplo disso, seria a noção de "compersão", categoria afetiva que pode ser entendida como uma aversão reflexiva ao ciúme, o seu verdadeiro oposto. Assim, não-monogâmicos não se deixam "dominar" pelo ciúme e procuram visualizar o parceiro com outra(s) pessoa(s), sentindo-se bem com esse posicionamento. Dessa forma, a análise sobre o ciúme neste contexto permite mostrar, especificamente, as negociações e as dinâmicas de interação estabelecidas em torno do arranjo não-monogâmico de modo mais amplo, sendo a desnaturalização e a tentativa de "superação" de tal sentimento algo que legitima o próprio

arranjo afetivo-sexual em questão.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

